

***SOCIEDADE AUTORITÁRIA E A AUTORREPRESENTAÇÃO DOS  
QUADRINISTAS NEGROS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS BRASILEIRAS***

***AUTHORITY SOCIETY AND THE SELF REPRESENTATION OF BLACK  
QUARTERS IN THE STORIES IN BRAZILIAN COMICS***

***AUTORITY SOCIETY Y LA AUTO REPRESENTACIÓN DE TRIMESTROS  
NEGROS EN LAS HISTÓRIAS DE COMICS BRASILEÑOS***

**Ana Paula Rezende**

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás  
Campus Pires do Rio  
anarezende16@gmail.com

**Júlio César Pereira Borges**

Professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás  
Campus Pires do Rio  
jcesar.ueg@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo traz uma discussão acerca da representatividade da população negra na sociedade brasileira, mais especificamente as representações vigentes nas histórias em quadrinhos, destacando a ação política de uma nova leva de quadrinistas preocupados com questões étnico-raciais. Para tanto, a metodologia utilizada é de natureza bibliográfica, tendo como vértice as histórias em quadrinhos, tais como Cumbe, Angola Janga, Jeremias-Pele e Luana, intermediadas por um aporte teórico que remete a temática e, ao mesmo tempo, permite compreender a construção do racismo na sociedade brasileira. Autores como, DaMatta (1986), Holanda (1995), Chinen (2013), Moraes (2005), Chauí (2001) e Eisner (2010) foram o suporte dessa tarefa. Por fim, a pesquisa salienta a importância da inserção da linguagem artística e lúdica das histórias em quadrinhos para discutir e problematizar questões étnico-raciais na sociedade brasileira que é autoritária e racista.

**Palavras-chave:** Sociedade Autoritária. Racismo. Quadrinistas Negros. Brasil.

**Abstract:** This article discusses the representativeness of the black population in Brazilian society, more specifically the representations in force in comics, highlighting the political action of a new wave of comic artists concerned with ethnic-racial issues. To this end, the methodology used is of a bibliographic nature, having as its vertex the comics, such as Cumbe, Angola Janga, Jeremias-Pele and Luana, intermediated by a theoretical contribution that refers to the theme and, at the same time, allows to understand the construction of racism in Brazilian society. Authors such as DaMatta (1986), Holanda (1995), Chinen (2013), Moraes (2005), Chauí (2001) and Eisner (2010) were the support for this task. Finally, the research emphasizes the importance of inserting the artistic and playful language of comic books to discuss and discuss ethnic-racial issues in Brazilian society that is authoritarian and racist.

**Keywords:** Authoritarian Society. Racism. Black Cartoonists. Brazil

**Resumen:** Este artículo discute la representatividad de la población negra en la sociedad brasileña, más específicamente las representaciones vigentes en los cómics, destacando la acción política de una nueva ola de artistas de cómics preocupados por cuestiones étnico-raciales. Para este fin, la metodología utilizada es de naturaleza bibliográfica, teniendo como vértice los cómics, como Cumbe, Angola Janga, Jeremias-Pelé y Luana, intermediados por una contribución teórica que se refiere al tema y, al mismo tiempo, permite comprender el construcción del racismo en la sociedad brasileña. Autores como DaMatta (1986), Holanda (1995), Chinen (2013), Moraes (2005), Chauí (2001) y Eisner (2010) fueron el apoyo para esta tarea. Finalmente, la investigación enfatiza la importancia de insertar el lenguaje artístico y lúdico de los cómics para discutir y discutir temas étnico-raciales en la sociedad brasileña que es autoritaria y racista.

**Palabras-clave:** Sociedad autoritaria. Racismo. Caricaturistas negros. Brasil.

## Introdução

As histórias em quadrinhos no Brasil, popularmente conhecidas como HQs ou gibis, tem sua origem na que é considerada a primeira novela gráfica nacional<sup>1</sup>: *As Aventuras de Nhô-Quim*, escrita por Ângelo Agostini e datada de 1869. Desde então, o mercado das novelas gráficas se avolumou, fixando no imaginário popular uma leva de personagens icônicos como o Zé Carioca, o Pelezinho e os tão aclamados personagens da Turma da Mônica.

Entretanto, um leitor atento de histórias em quadrinhos nacionais nota a baixa presença de personagens negros nestas narrativas, fato intrinsecamente relacionado à pequena representatividade dos quadrinistas negros, o que resulta na imagem estereotipada e preconceituosa de algumas obras. Percebe-se, na maioria dos casos, o olhar do outro que não se enxerga no negro, ou mesmo, o entende a partir do olhar colonizador do branco europeu, ou seja, como um ser inferior.

A realidade supracitada é tema da tese apresentada por Chinen (2013), que além de retratar a baixa presença numérica dos negros nas HQs nacionais publicadas entre os anos de 1869 a 2011, denota os estereótipos raciais e a condição de subalternidade das personagens negros. Segundo o pesquisador, distorções fisionômicas, como os lábios exageradamente grossos, nariz achatados e cabelos emaranhados compõe a figura do negro cômico na representação das personagens negras. Esse arquétipo é denominado de Blackface. Prática originada nos Estados Unidos, por volta de 1830, geralmente praticada por homens brancos que se pintavam de preto para ridicularizar pessoas negras, apresentando-se para grupos formados por aristocratas brancos. Posteriormente essa prática ganha espaço no cinema e na televisão. (PINTO, 2017).

Merece destaque, que no Brasil a falta de representatividade negra é contraditória, haja vista os dados populacionais apresentados pelo IBGE no ano de 2017, os quais denotam que os negros e pardos, juntos, representam 54,9% da população do país. Nesse sentido, é evidente que a concentração de uma narrativa majoritariamente branca, resulta de um passado escravocrata que ainda não foi totalmente superado, mesmo após um século e meio da abolição da escravidão.

---

<sup>1</sup> Para Eisner a definição de histórias se dá no “arranjo de fotos ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (EISNER 1990 p. 32).

Tal fato suscita a discussão da histórica segregação racial brasileira. Nesse sentido, a visão simplificada e estereotipada do negro é, indubitavelmente, fruto de uma ideologia de valorização da estética branca, hierarquizando as questões raciais e fomentando um tipo de racismo “à brasileira”, ou seja, um racismo velado. (DAMATTA, 1986).

Essa realidade perpassa pela contraditória representação da nação brasileira, ou seja, a naturalização de uma realidade que não representa fidedignamente o povo brasileiro, haja vista, as desigualdades sociais vigentes e o “embranquecimento” da vida social. É também, o reforço da falácia da formação pacífica e cordial das três raças. (HOLANDA, 1995).

Fato é, que ao longo dos anos as narrativas das histórias em quadrinhos brasileiras estão justapostas aos conflitos raciais por meio de arquétipos racistas. Tal situação é essencial para a compreensão da atual luta dos quadrinistas negros pela causa antirracista. Afirmativa que constitui a centralidade dessa pesquisa.

Como já afirmado, a metodologia empregada tem como alicerce a análise de cunho bibliográfico, baseada em livros, sites especializados, artigos científicos e, sobretudo, histórias em quadrinhos. A seleção destas seguiu o critério de serem histórias cujas narrativas são escritas por quadrinistas negros. Entretanto, é necessário ressaltar o fato que os quadrinhos utilizados não abarcam todas as obras que existem no mercado, pois o objetivo principal desta pesquisa é analisar a relevância de uma proporção dessas obras, e além disso, algumas delas não são de fácil acesso, muitas saíram de circulação e outras foram lançadas no ínterim da feitura do presente artigo.

No computo geral optou-se por uma análise qualitativa, abarcando a representação das narrativas, contexto presente em obras que alcançaram grande relevância, tais como, Angola Janga, Cumbe, Jeremias-Pele e Luana. Buscou-se então responder como a representatividade do negro nas histórias em quadrinhos estão atreladas a construção da sociedade brasileira que é autoritária e racista, assim como, evidenciar a atitude política dos quadrinistas negros na desmistificação dos estereótipos preconceituosos apresentados por essa sociedade.

## O passado escravocrata e relações raciais na sociedade brasileira

A chegada do negro africano para as Américas tem sua periodização a partir do momento em que os comerciantes europeus estruturam e institucionalizam o tráfico de escravos ao longo da costa africana.

As primeiras caravelas portuguesas se aproximaram da costa da África no Atlântico nas décadas de 1430 e 1440, alcançando o rio Senegal em 1445. Ao fazê-lo, abriram uma rota paralela às transaarianas. Os portugueses estavam mais interessados em ouro e escravos, embora tivessem dispostos a comercializar pimenta, marfim e outros produtos. O seu investimento na exploração da costa africana era um esforço consciente para evitar os intermediários muçulmanos; inicialmente eles apenas tiveram sucesso em expandir o comércio transaariano já existente, abrindo a rota marítima; depois, eles participaram no comércio interno africano como intermediários. Estruturalmente, por conseguinte, tanto os comerciantes portugueses quanto os muçulmanos exerciam as mesmas funções: eles conectavam a África subsaariana com o mundo mediterrâneo e participavam no comércio regional da África Ocidental. (PACHECO, 2008, APUD LOVEJOY, 2002, p. 74)

As regiões onde houveram maior tráfico de escravos para o Novo Mundo localizava-se nas áreas de Angola, do Congo, na chamada Costa dos Escravos (hoje Benin) e na baía de Biafra (Delta do Níger). Estimativas apontam que foram trazidos para as Américas cerca de 10 milhões de negros, entre os séculos XV e XIX. No Brasil, desembarcaram aproximadamente 3.650.000 de cativos, constituindo-se na maior colônia das Américas. (PACHECO, 2008; CHINEN, 2013).

Vale destacar que os povos desta região já eram submetidos a escravidão por intermédio de africanos e posteriormente, de povos islâmicos. O fato peculiar nesta questão é que quando chegaram no Brasil, para além de se tornarem cativos, os africanos foram deslocados de sua terra, apartados de sua família, expostos a um território desconhecido, legados a perda do sentido de si.

A imposição de valores brancos, como a obediência e a fidelidade, a aceitação da religião católica e, conseqüentemente a proibição de cultos africanos, o aprendizado de idioma português, além da mudança de nome, sendo estes substituídos por nomes cristãos, os levaram a aculturação (PACHECO, 2008).

Para Fanon (2008), essa é uma condição dispensada aos negros nos territórios colonizados como estratégia de dominação. Segundo o pesquisador, a assimilação da cultura branca, leva a progressiva perda de identidade, constituindo-se em um processo

racista de renúncia do próprio passado, todo esse processo desemboca em uma traumática alienação, com profundos efeitos negativos para o psicológico dos afetados.

Além do solapamento de sua identidade, os negros africanos eram expostos a um regime de trabalho forçado, geralmente nas lavouras e nos engenhos, baseados em condições brutais de violência e castigo. Pela desobediência lhes eram aplicadas torturas tais quais ficarem amarrados nos troncos, açoitamentos, corte de partes do corpo, tais como, orelhas e línguas, esmagamentos de dedos, além de serem marcados a ferro (PACHECO, 2008).

Mas, apesar de exigirem dos negros os valores brancos, o mesmo não valia em relação aos direitos. A legislação lusitana-brasileira, mesmo após a abolição da escravidão, impedia o direito aos africanos de terem acesso à educação. Mesmo os negros alforriados, em geral, não tinham direito a cargos públicos. Também era exigido que mulheres de cor não usassem roupas e joias comparáveis as das mulheres brancas (Chinen, 2013).

A consequência dos fatos supracitados é a negação do negro como semelhante ao branco um ser inferiorizado. Nesse sentido, segundo Schwarcz (1993), após a desmontagem da escravidão, surge um novo modelo político-social, baseado no padrão europeu social-darwinista. Para tanto, a “salvação” para o Brasil estaria pautada na mestiçagem a partir das três raças fundadoras, para, enfim, chegar ao branqueamento da população, ou, em outras palavras, seu melhoramento e o conseqüente progresso, através da extinção da cor negra; para melhor ilustrar seria algo semelhante ao quadro *A Redenção de Cam* (1895) de Modesto Brocos, que representa a evolução do negro pela via do branqueamento.<sup>2</sup>

Passados mais de cem anos da abolição da escravidão, as sequelas deste período são evidentes no Brasil atual. Perpassando por diversas conjunturas da formação territorial do Brasil, nas quais esteve presente projetos de nação que desconsidera o povo autóctone e os africanos escravizados e desautorizava a representatividade de suas culturas e tradições na identidade nacional (MORAES, 2005). Condição escamoteada pelo falso mito da *democracia racial*, o qual, foi desmistificado por Chauí (2001) ao evidenciar o mito fundador da sociedade autoritária brasileira.

---

<sup>2</sup> Ver Lotierzo e Schwarcz (2013)

Esta constatação é basilar quando se pensa no histórico das representações da identidade negra nas mídias em geral, com suas identidades simplificadas e estereotipadas, legados quase sempre a papéis secundários, quando não menos, vítimas de um mecanismo de exclusão hoje que se encontra institucionalizado.

### **A representação do negro pelos quadrinistas negros**

Apesar do panorama apresentado até aqui não ser de forma alguma positivo, desde o início dos anos 2000 há uma emergência de quadrinistas negros preocupados especificamente com questões raciais, abrindo, assim, novos caminhos para as discussões sobre a identidade negra e apresentando uma nova versão para suas raízes, ao contar fatos do passado que lhes foram negados através de anos de escravidão e de desigualdades sociais.

Historicamente, nos quadrinhos brasileiros há uma pequena parcela de personagens negros com algum destaque. Entre eles pode-se citar Benjamin publicado na revista O Tico-Tico, o Pererê de Ziraldo, O Azeitona, personagem integrante do trio Reco Reco e Bolão de Luiz Sá, além de Pelezinho e Jeremias, de Maurício de Sousa, no entanto, apesar de serem personagens relevantes, nenhum tem sua narrativa focada especificamente nas temáticas étnicas e raciais, além de não serem obras de artistas negros.

O personagem Jeremias foi um dos primeiros personagens de Maurício de Sousa, criado em 1960. Atualmente foi readaptado graças ao projeto Graphic MSP, cujo objetivo é a releitura de personagens consagrados do autor, feitas por artistas brasileiros. A iniciativa é continuidade de um projeto anterior MSP 50 (2009), que na época marcou o cinquentenário de Maurício de Sousa.



Figura 1: A evolução fisionômica de Jeremias. Fonte: Arquivos Turma da Mônica.



Figura 2: Uma das primeiras versões de Jeremias. Fonte: Panini Comics, 2018

Jeremias-Pele foi lançado em 2018 pela editora Panini, e faz parte da 18ª edição da Graphic MSP. Conta com o roteiro de Rafael Calça e desenhos de Jefferson Costa. Esta parceria estabelecida, retrata a descoberta do racismo utilizando Jeremias, personagem negro aliado pelo criador da Mônica. Na construção do roteiro, os autores procuraram introduzir situações e sentimentos pelos quais passaram na infância, dando mais verossimilhança aos fatos apresentados na história em quadrinhos. Nessa releitura, é marcante as transformações fisionômicas pelas quais o personagem de Jeremias passou. Inicialmente, apresentava características semelhantes ao chamado *blackface*, com seus traços caricatos e exagerados.

Para além das alterações do traçado do personagem, a nova roupagem dada a Jeremias, assenta-se numa premissa realista e atual, de um racismo não pronunciado, mas existente. Uma das situações marcantes vivenciadas por Jeremias ocorre no ambiente escolar, momento em que é organizada uma feira de profissões, momento em que a professora escolhe para cada aluno uma classe de trabalho específica, e é nesse momento que, Jeremias é escolhido como pedreiro, mesmo deixando claro que quer ser astronauta, sendo motivo de piada para os colegas de classe por sua profissão ser muito incomum.



Figura 3: Jeremias e a feira de profissões. Fonte: Panini Comics, 2018.

Na cena supracitada, está implícita a ideia do papel atribuído aos negros pela sociedade. Em pesquisa realizada acerca das Relações raciais na mídia<sup>3</sup>, foi constatado a subalternidade auferida ao negro, tanto em seu status socioeconômico, como na inferioridade das profissões, colocando o negro em um patamar de impossibilidade de saída da pobreza, de ascensão econômica e social.

Em outro momento, o preconceito racial cotidiano de Jeremias denota-se no fato de uma mulher branca recusar-se a sentar ao lado do garoto no ônibus. Condição que desmonta o mito da democracia racial no Brasil. Além disso, a narrativa de Jeremias-Pele está repleta de momentos oportunos em que o racismo se faz presente. Em um determinado momento da Hq o pai de Jeremias é abordado de forma arbitrária por um policial, momento em que ele tem que provar que realmente é um trabalhador. Nesse sentido, é o pai de Jeremias que tem o dever de ensinar ao garoto as mazelas pelas quais ele vai passar na vida apenas por ser negro. Situação alarmante em um país em que se insinua a convivência pacífica entre as raças formadoras, entretanto, quando analisamos os números de violência que assolam a população negra, vemos que essa pacificidade é falaciosa.



Figura 4: O preconceito cotidiano enfrentado por Jeremias. Fonte: Panini Comics, 2018.

<sup>3</sup>Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-449X2010000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-449X2010000100006)

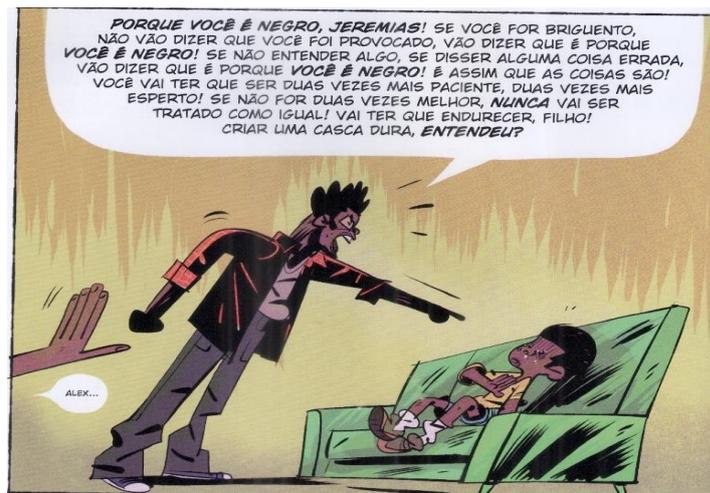
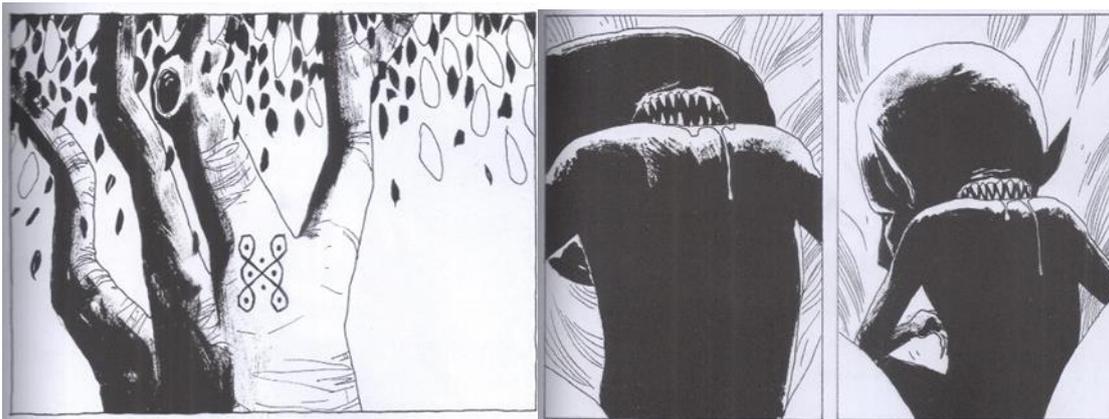


Figura 5: O racismo cíclico. Fonte: Panini Comics, 2018.

Outro autor que merece destaque é Marcelo D'saete, quadrinista, ilustrador e professor, além de mestre em História da Arte. Suas obras exemplificam a conscientização negra em rejeitar o padrão branco presente nas hqs, trazendo temas acerca da desigualdade social, violência urbana e também sobre o passado colonial escravista.

Na obra *Cumbe* (2018), palavra comumente traduzida como sinônimo de quilombo, mas que em países africanos apresenta o sentido de sol; luz; força; energia, D'saete retrata a história do Brasil colonial a partir da visão do escravizado, desmistificando a geralmente apresentada figura do negro submisso e obediente. São contadas histórias de escravidão por meio da apresentação de diversos quilombos cada qual com seus personagens e anseios, constituindo núcleos de resistência a opressão colonial.

A arte de *Cumbe* está repleta de referências a cultura banto, materializadas em símbolos, como círculos e encruzilhas e mitos, representados na figura do Quibungo, reforçando, assim, a cultura que veio de negros escravizados de regiões que hoje fazem parte do Congo e de Angola. Ao final da Hq encontra-se um vasto glossário com as definições de termos provenientes, sobretudo, da cultura banto.



Figuras 6 e 7: Ideograma Proverbial Quioco e Quibungo, ser que é meio bicho e meio gente. Fonte: Veneta, 2018.

Já Angola Janga (Pequena Angola, termo quimbundo utilizado pelos escravos para se referir a Palmares), retrata a resistência dos mocambos da Serra da Barriga, entre eles o de Palmares. A narrativa de Angola Janga mescla realidade e ficção, entretanto narra a luta em Palmares, maior, e mais bem organizado, levante escravo negro das Américas. Seus milhares de habitantes, chegando a 20 mil pessoas, eram constituídos de sustentaram a liberdade até a invasão das forças chefiadas pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, posteriormente, em 1695 é assassinado Zumbi, e tem sua cabeça exposta em Recife. (PACHECO, 2008). Além disso, segundo Custódio:

D'saete também se volta para o indivíduo, mostrando, com a ajuda de uma avançada estética do desenho gráfico, os afetos e anseios dos africanos escravizados, que nunca deixam de nutrir amor uns pelos outros e pela cultura e terra de origem. Nesse sentido, a novela gráfica se mostra bastante realista, pois não romantiza as figuras históricas, nem procura um purismo nas relações entre os negros da época.



Figura 8: A realidade do transporte negreiro. Fonte: Veneta, 2017.

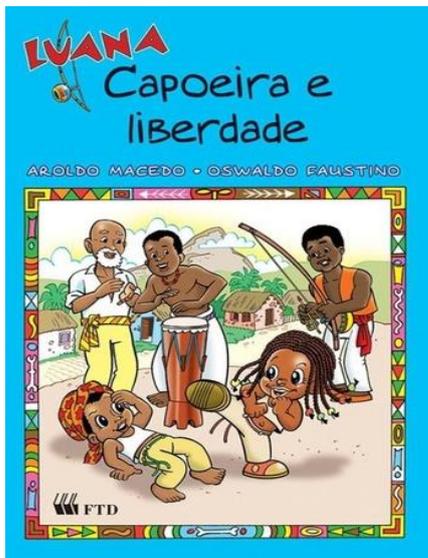


Figura 9: Embosca a Zumbi dos Palmares. Fonte: Veneta, 2017.

Angola Janga e Cumbe foram aprovados no aprovado no Plano Nacional do Livro Didático Literário 2018 (PNLD Literário), podendo ser selecionados por escolas públicas de ensino médio. Em entrevista, D´salette<sup>4</sup> destaca a falta da história negra nas escolas ao afirmar que: “Eu venho de escola pública. Estudei a minha vida toda em colégios públicos na Zona Leste de São Paulo. Poucas vezes ouvi referências a Palmares ou a resistência negra no período colonial e imperial. Só fui ter acesso já na universidade e considero que esse é um tipo de ensino que precisa vir para o Ensino Fundamental”.

Também vale destacar as histórias em quadrinhos voltadas para o público infantil. Para tanto, nos atentaremos a Luana. Sendo esta roteirizada por Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino, nela apresenta-se a personagem título, Luana, garota de oito anos, capoeirista e descendente de quilombolas, que ao longo dezoito edições valorizam a cultura e o passado negro, em temas que permeiam o respeito pela identidade negra, a origem da cultura afro-brasileira e a resistência aos núcleos repressores. No volume Capoeira e Liberdade, Luana conhece suas origens afro-brasileiras, sobretudo a origem da capoeira, luta alicerçada no contexto de reação a repressão policial. Mas que, segundo Luana, é uma luta que “reforça a coragem de viver e de lutar pelo que se acredita. E também ensina o respeito e a solidariedade” (FTD, 2007, p. 13).

<sup>4</sup> Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2018/11/em-hqs-premiadas-artista-marcelo-d-salette-aborda-a-escravidao-no-brasil-cjoionun0e0k01pib4yr41a4.html>.



Figuras 10 e 11: Luana, Capoeira e Liberdade - Col. as Aventuras de Luana. Fonte: FTD, 2007.

Personagem como Luana, aumentam a representatividade dentro do público infantil, sendo importantes imagens de valorização e reconhecimento da diversidade da sociedade brasileira para um público em formação com poucos referenciais na mídia. Luana escapa da narrativa padrão eurocentrista, baseada na classificação pela cor da pele, ao valorizando a herança cultural legada pela cultura africana.

### **Considerações finais**

Em um país onde o racismo é estrutural, o preconceito está nítido em pequenos atos e representações, não se limitando a grande mídia, como é o caso da televisão e do cinema. As histórias em quadrinhos, também apresentam contradições semelhantes, tal fato suscitou a discussão da histórica segregação racial brasileira, ainda arraigada mesmo após mais de um século da abolição da escravidão.

Na contramão dessa retórica a análise crítica de narrativas e personagens afrodescendentes, apresentadas pelos quadrinistas negros, traz à tona os conflitos étnicos e raciais presente na sociedade autoritária brasileira. Por outro lado, contribuem para a compreensão da gênese da formação territorial do Brasil pautada no colonialismo europeu, pelo qual, o negro é estereotipado ao negar suas bases e seus moldes existenciais, assim como, sua contribuição na formação cultural dessa sociedade.

Diante a essa perspectiva, atenta-se para o grande potencial didático-pedagógico das obras dos quadrinistas negros, haja vista a disponibilidade de algumas destas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a viabilidade de inserção da linguagem artística e lúdica das histórias em quadrinhos para discutir e problematizar questões étnicos-raciais na sala de aula.

Sabe-se que é um grande desafio romper com os padrões já institucionalizados de racismo, entretanto, a luta protagonizada por todos os quadrinistas aqui citados, é de suma importância para trazer à tona novas perspectivas de um passado esquecido e de elencar novas possibilidades para superar os históricos e atuais padrões de exclusão, torturas e desigualdades, em busca de uma nova mentalidade, forjada a partir da educação e da conscientização antirracista.

#### Referências:

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel**. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, SP, 2013. (Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde.../Nobuyoshi.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde.../Nobuyoshi.pdf) >, acesso em 01 de março de 2016.)

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SILVEIRA, Renato da. [Trad.] Salvador: EDUFBA, 2008.

HOLANDA, SÉRGIO BUARQUE. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1º edição, 1984.

CUSTÓDIO, Harion. **Angola Janga: quadrinho e representação histórica**, 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/1138-angola-janga-quadrinho-e-representacao-historica>

DaMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PINTO, M. S. A DIALÉTICA DA MÁSCARA NEGRA: NEGRO FUGIDO CONTRA O BLACKFACE. **Revista Aspás**. Vol. 7, n. 1, 2017.

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga: uma história de palmares**. São Paulo: Veneta, 2017.

D'SALETE, Marcelo. **Cumbe**. 2ª edição. São Paulo: Veneta, 2018.

CALÇA, RAFAEL. **Graphic Msp: Jeremias: pele.** Barueri. São Paulo: Panini, 2018.

PACHECO, CÉLIA MARIA DE FREITAS. **Origens E Transformações Da Escravidão Na África: Como O Negro Foi Transformado Em Sinônimo De Escravo.** Curitiba 2008.

[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br) › pde › arquivos

LOTIERZO, Tatiana H. P. e SCHWARCZ, Lilia K. M.: Raça, gênero e projeto branqueador: "a redenção de Cam", de modesto brocos. **Recherches sur le arts, le patrimoine et la littérature de L'Amérique Latine.** V. 5 n° 5. Disponível no link <http://cral.in2p3.fr/arteloge/spip.php?article254>.